



CRIATIVIVÊNCIA SOCIOEDUCATIVA

Margareth Conceição Batista – UnB

Grupo de Trabalho: GT 1 – O Direito Achado na Rua: Pesquisas e Práticas

RESUMO:

O presente trabalho trata de pesquisa em andamento em uma unidade socioeducativa. A pesquisa nasceu da prática educativa em arte educação com adolescentes que cumprem medida socioeducativa na Gerência de semiliberdade do Gama II- Distrito Federal. A metodologia da “criativivência”, propõe uma prática pedagógica que ultrapasse os limites institucionais e alcance a vida dos adolescentes em seus territórios, suas relações e seus projetos de futuro. É uma prática que busca garantir o direito à arte, à cultura e ao lazer de forma concreta, fazendo a hibridação entre a arte e os direitos humanos.

Palavras-chave: Criativivência; direitos humanos; socioeducação; adolescentes.

1. INTRODUÇÃO

Desde 2011, atuo no Sistema Socioeducativo do Distrito Federal com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de semiliberdade. Essa experiência inicial foi marcada por tensões, pois, ao ingressar nesse espaço institucional, minha identidade profissional era a de agente socioeducativa. Os adolescentes, ao me olharem, não enxergavam uma educadora, mas sim alguém associado à vigilância, ao controle e à punição. Esse olhar dificultava a construção de vínculos e a realização de qualquer prática educativa significativa. Como aponta Freire (1996), ser educador exige autoridade, mas não autoritarismo. Para assumir essa postura, precisei despir-me da “capa” de opressora, vinculada ao cargo de agente, e vestir-me da humanidade necessária para me constituir como educadora. Esse foi um processo lento e reflexivo, que demandou tanto experiência prática quanto formação teórica.

Progressivamente, fui consolidando uma identidade de educadora, inicialmente a partir da minha primeira licenciatura em pedagogia e, posteriormente, da formação em artes visuais, que resultou na licenciatura e no



mestrado nessa área. Nesse percurso, compreendi que a arte poderia ser não apenas uma ferramenta, mas um caminho para a construção de vínculos, para o exercício da liberdade e para a afirmação da subjetividade dos adolescentes em cumprimento de medida. Como destaca Ciampa (2005), a identidade se manifesta no significado atribuído à própria condição, sendo permanentemente reconstruída. Nesse movimento, minha identidade de agente foi sendo substituída pela de arte-educadora, configurando-se como prática de resistência diante de um sistema que ainda carrega marcas da punição.

Mesmo após a Constituição de 1988 e a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que estabeleceram um marco legal fundamentado na proteção integral e no desenvolvimento humano dos adolescentes em conflito com a lei, a realidade prática do Sistema Socioeducativo ainda reproduz resquícios de uma lógica repressiva. Persistem concepções segundo as quais a punição seria a forma mais eficaz de educar, o que contradiz os princípios da socioeducação. Nesse contexto, reafirmar a centralidade da arte e da educação significa, acima de tudo, um ato político e poético de resistência.

O ingresso no doutorado, em 2022, intensificou esse compromisso. Minha linha de pesquisa, vinculada aos direitos humanos e ao projeto O Direito Achado na Rua (ODANR), reforçou a compreensão de que o processo educativo deve ser um espaço de garantia de direitos. Nesse sentido, a arte-educação no socioeducativo não se limita a oficinas ou atividades pontuais, mas deve constituir uma vivência contínua, integrada ao cotidiano dos adolescentes, de modo que a experiência de criar se torne parte fundamental da trajetória deles. Assim, o objetivo desta pesquisa é, garantir o acesso à arte e à cultura a adolescentes que cumprem medida socioeducativa de semiliberdade Na Gerência de Semiliberdade Gama II- DF, como um direito concreto, que embora estejam escritos nas normas formais, são pendentes de cumprimento, através da metodologia criativivência.



2. REFERENCIAL TEÓRICO

Pedro Demo (2011) destaca que nenhuma pesquisa é totalmente original, pois se constrói a partir de conceitos e práticas já existentes. A originalidade reside na forma pessoal de reconstruir ideias. Essa concepção dialoga com a afirmação bíblica de Salomão em Eclesiastes 1:9: “não há nada novo debaixo do sol”. Assim, a proposta de “criativivência” não nasce isolada, mas se constitui como um rendering a/r/tográfico, rizoma da Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA).

A a/r/tografia, conforme Belidson Dias (2023), originou-se a partir dos estudos de Elliot Eisner na Stanford University (1970-1980), com fundamentação na fenomenologia, estruturalismo e pós-estruturalismo. Irwin (2023) a define como prática de mestiçagem, que une teoria, prática e criação, promovendo experiências singulares que revelam o oculto e produzem o inédito. Nessa perspectiva, a “criativivência” integra arte, ética e direitos humanos, ampliando a pesquisa para além da arte em si, alcançando processos humanos, históricos e relacionais.

Inspirada na “escrevivência” de Conceição Evaristo, a “criativivência” se aplica a adolescentes em medidas socioeducativas, buscando narrar e analisar processos artísticos em conexão com suas subjetividades e com a prática da pesquisadora. Como afirmam Irwin e Springgay (2023), os renderings da a/r/tografia permitem interações profundas, rompendo fronteiras rígidas e abrindo espaço para tensões, incertezas e resistências.

A prática assume caráter político e multicultural, entrelaçando arte e direitos, configurando-se como “prática teorizada” (Irwin, 2023). Tourinho (2023) reforça que pesquisa e docência se tornam projetos de emancipação quando articuladas à experiência estética. Nesse sentido, a “criativivência” transforma vivências cotidianas

— dores, afetos, sensações — em experiência estética (Larrosa, 2002; Greimas, 2002), ampliando o conceito de arte para além de museus e espaços elitizados (Dewey, 2010).



No contexto socioeducativo, sons, cheiros e imagens institucionais podem ser convertidos em criação artística, revelando sentidos antes invisíveis. Para Vigotski (1999), a arte não copia a realidade, mas recria-a, objetivando sentimentos e transformando o sujeito. Assim, a prática criativa é vital para adolescentes em condição de desenvolvimento peculiar (ECA, 1990).

Dewey (2010) salienta que o conflito e a tensão podem gerar experiência estética e equilíbrio, sendo a emoção o sinal de rupturas que impulsionam reflexão e criação. A “criativivência”, portanto, valoriza o banal, o insignificante e o residual, propondo uma alfabetização estética que ressignifica a violência e possibilita novas formas de existência.

Essa perspectiva rompe com a ideia de plenitude, enfatizando a fragmentação do vivível e a valorização das pequenas coisas (Greimas, 2002). Como prática relacional e coletiva, promove pertencimento, direito à arte e à cultura, e a transformação do cotidiano em matéria poética. Dewey (2010) reforça que os sentidos permitem participar do mundo e transformam o sujeito em sua relação com a experiência.

Em síntese, a “criativivência” é criar e viver no cotidiano, resistindo e reexistindo, dando voz aos marginalizados. Trata-se de um processo estético, ético, político e educativo que transforma experiências em significados; ressignificando dores e banalidades em produção artística e em construção de subjetividades.

3. METODOLOGIA

O caminho metodológico adotado baseia-se na Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), que não oferece respostas prontas, mas busca, por meio da criação artística, suscitar questionamentos, reflexões e novas possibilidades de sentido. Essa perspectiva aproxima-se da visão de Freire (1996), segundo a qual não há docência sem pesquisa nem pesquisa sem docência. A prática educativa, nesse sentido, precisa estar permanentemente acompanhada de investigação, crítica e reinvenção. Para operacionalizar essa abordagem, adoto a a/r/tografia, metodologia que promove a hibridização entre os papéis de artista, pesquisadora e educadora. Essa perspectiva metodológica,



ao reconhecer a indissociabilidade entre prática criativa e produção de conhecimento, permite compreender a arte-educação no socioeducativo como vivência processual, sempre em movimento. O conceito de “criativivência”, que apresento neste trabalho, deriva desse entrelaçamento. Trata-se de um rendering da a/r/tografia, configurando-se como um modo de fazer-pesquisar-ensinar que valoriza a criatividade como prática cotidiana e como forma de resistência às práticas opressoras.

Assim, a criativivência não se restringe a oficinas artísticas, mas propõe que o ato criador seja incorporado ao cotidiano dos adolescentes em cumprimento de medida. A cada desenho, pintura, grafite, modelagem ou outra manifestação artística, os adolescentes vivenciam não apenas a criação de um objeto estético, mas a possibilidade de narrar suas histórias, ressignificar experiências e projetar novos horizontes. Esse processo os insere como protagonistas da própria aprendizagem, reforçando sua condição de sujeitos de direitos.

4. RESULTADOS/DISCUSSÃO

A análise dos dados em construção na Gerência de Semiliberdade Gama II-DF evidencia que a metodologia da criativivência atua como um recurso de transição entre a identidade de vigilância e a de arte-educadora. Ao mesclar teoria, prática e criação, o processo pedagógico transforma tensões e marcadores cotidianos da unidade socioeducativa — como sons, cheiros e rotinas — em matéria-prima estética e reflexiva. Por meio de produções em desenho, pintura, grafite e modelagem, observa-se o fortalecimento do vínculo pedagógico, o fomento ao protagonismo dos jovens e a ressignificação de suas vivências e projetos de futuro. Com isso, a hibridação entre arte e Direitos Humanos consolida-se na prática diária, viabilizando o acesso concreto à cultura e superando concepções meramente punitivas no Sistema Socioeducativo do Distrito Federal.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte-educação no sistema socioeducativo deve ser compreendida como parte essencial da socioeducação, pois rompe com a lógica punitiva e afirma a dimensão humana, criativa e emancipatória dos adolescentes. A partir da criativivência, propõe-se uma prática pedagógica que ultrapassa os limites institucionais e alcança a vida dos jovens em seus territórios e projetos de futuro. Inspirada em Freire (1996) e Demo (2011), a autora entende que ensinar requer pesquisa, ética e respeito à autonomia, unindo arte, educação e investigação. Assim, apresenta a criativivência como proposta metodológica baseada na Pesquisa Educacional Baseada em Arte e na a/r/tografia, aplicada à semiliberdade do Distrito Federal, reafirmando a socioeducação como prática de garantia de direitos em oposição às lógicas punitivas.

REFERÊNCIAS

- CIAMPA, Antônio da Costa. **A Estória do Severino e a História da Severina**: um ensaio de psicologia social. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DEMO, Pedro. Remix, Pastiche, Plágio: autorias da nova geração. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, p. 125–144, ago. 2011. DOI: 10.22347/21752753v3i8.119. Disponível em repositório online da Meta: Avaliação, Fundação Cesgranrio.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011. DEWEY, John. Arte como experiência. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. 2. ed. Santa Maria: UFSM, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Da imperfeição. Tradução de Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n. 19, abril, p. 20-28, 2002.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Psicologia da arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.